

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS

REPORTAJES

I. “NUNCA HOUVE UMA REVOLUCAO COM BANDEIRA DE MORAL”

Publicado en *Imprensa Popular*, Agosto 2006

INGENUIDADE. *Alvo de uma sucessão de escândalos – um mais escabroso que o outro – sem paralelo na história, o nome do presidente Luis Inácio Lula da Silva, conforme as pesquisas divulgadas, segue na liderança para a disputa eleitoral que se aproxima. Como se pode explicar um fenômeno desses? Ingenuidade, ora bolas. É o que avalia Clodomir.*

— O brasileiro é notadamente um povo ingênuo, extremamente ingênuo. Para se ter uma idéia, aqui se desenvolveu uma campanha para desarmar o povo. Nessa mesma época, no México, a propaganda era diferente: os mexicanos exigiam mais de uma arma por lar, duas ou três. Ora, isso nos põe numa posição de trouxa. Você pode imaginar: desarma-se o povo e deixa os bandidos todos armados.

Quando se fala de política, então, aí é que a situação é desoladora. De acordo com Clodomir, o brasileiro é “politicamente muito atrasado”. Isso porque, continua, nosso país sempre foi o último em tudo. “Aqui tudo chegou tarde. A universidade chegou em 1851, isto é o curso universitário do

Recife e depois de São Paulo, mas a universidade mesmo é de 1918. Trezentos anos depois da universidade boliviana, trezentos e tantos depois da primeira do continente, que é a da República Dominicana. A segunda é da Guatemala, a terceira, do Peru. São trezentos anos de atraso.”

E é por isso que o povo é muito ingênuo. Em poucas palavras, “politicamente, você põe um chileno perto de um brasileiro, dá pena”, compara Moraes. Falta ao canarinho uma tradição de luta política, algo que nunca houve, para uma compreensão mais sólida da política.

POVO NÃO QUER MUDAR. Há dois povos, diz Clodomir. Um urbano, rico, e outro pobre, das cidades e do resto do país. “Estes se contentam com alguma comida. Quer ganhar [as eleições], meta cesta-básica. Porque é gente que tem uma visão muito curta. É um país de pouca cultura política. A classe operária é muito nova. Enquanto ainda pensávamos em revolução burguesa, os argentinos já tinham feito a sua 25 anos antes. Em 1910 Buenos Aires já tinha metrô – o primeiro é da Alemanha, o segundo da Inglaterra e o terceiro daqui.”

Mais uma vez, a culpa é a carga de atraso que tem o Brasil. Enquanto países vizinhos como Chile – que tem dois –, Peru, Colômbia e Argentina – com quatro – foram premiados com algum Prêmio Nobel, o Brasil ainda não tem um sequer.

— Nós, nem com Jorge Amado e seus 50 volumes produzidos, não temos. É um problema de atraso no tempo. Jorge Amado poderia ter o prêmio Nobel, mas resolveu mudar. Saiu de uma literatura política e passou a tratar das

prostitutas, aí lascou-se. O sueco não dá Prêmio Nobel para essas coisas, dá para política.

O Brasil só deixará o círculo do atraso, na opinião de Clodomir, quando “desabar esse clube que já existe aí há muito tempo de uma burguesia financeira que manda e desmanda”.

DESTAPAR DA PANELA. No entender de Clodomir, a sucessão de escândalos e falcaturas que vive o país marca o início de um processo de “purgação” do Brasil. “O destapar da panela da corrupção criou um processo que não vai parar mais”, avalia. “É o processo de transformação de uma sociedade corrupta, que foi criada muito antes, que levou vários ao suicídio, e que agora começa a se destapar”.

Mas a impunidade vai prevalecer: “Vai pegar muita gente alta, mas claro... Você sabe como é a Justiça. A Justiça é de classe, ela está no chão também, no chão.”

MST x PT. “O MST [Movimento dos Sem Terra] é mais organizado e tem mais autenticidade do que o PT [Partido dos Trabalhadores]”, sentencia Moraes. Segundo ele, o movimento “é uma força poderosa” com inspiração nas Ligas Camponesas. Mas não se pode dizer que seja uma prolongação daquelas, porque “não existe repercussão na história”. “[Karl] Marx dizia ‘quando há repercussão ou é em forma de farsa ou tragédia’”.

O não combate a Lula por parte do Movimento dos Sem Terra não é obra do acaso. De acordo com Clodomir, o MST vai aguardar a eventual reeleição do presidente para começar “a pisar forte”.

PÃO E TERRA. *Muito tem se perguntado se a questão da moralidade pública será decisiva na definição das eleições de outubro. O sociólogo analisa esse tema assim:*

— Nunca houve revolução com a bandeira da moral. Nenhuma delas foi vitoriosa. A pequena burguesia jamais chegou ao poder porque ela se preocupa com o problema moral. As revoluções chegam ou só são vitoriosas quando levantam a bandeira de pão e terra. Mas moral, ninguém sabe o que é isso. “Corrupção” é abstrato para o homem do povo. Sem falar em cidadania, que é o “invertebrado gasoso” maior que já vi na minha vida. Ninguém sabe o que é cidadania.

As campanhas vitoriosas serão aquelas, na visão do sociólogo, que partirem para o concreto, que tratem de fome, terra e violência. Essa última chama especial atenção para Porto Velho, que é a sexta cidade mais sangrenta do Brasil, conforme o Ministério da Justiça. “A única diferença entre Porto Velho e o Rio de Janeiro é que lá muitas pessoas morrem de balas perdidas. Aqui não, todas elas são certas.”

Numa pesquisa que ele desenvolveu junto aos alunos da Unir, Clodomir conta que perguntou a cada um se conhecia alguém de sua rua que já tinha sido assaltado. “92% responderam positivamente. E mais da metade disseram já terem sido assaltados”, completa. Esse quadro de violência, em sua opinião, é resultado de uma única variável: o enorme índice de desemprego.

ECOCHATOS. “São dois adversários muito grandes: a pobreza do país, de um lado, e do outro lado, os ecochatos”, assim Clodomir sintetiza a grande celeuma em torno da construção das Hidrelétricas do Rio Madeira. “Os ecochatos são ONGs pagas para isso, com que propósito há saber. Mas são ecochatos porque não se guiam por uma tese científica de que não pode haver desenvolvimento, nenhum, sem transformação da natureza. Os ecochatos são pagos para impedir os interesses nacionais, não tem outro propósito.”

SAÍDA PARA RONDÔNIA. *Para o sociólogo, só haverá saída econômica para o Estado quando se começar a gerar fontes de trabalho.*

— Não quer dizer que tem que vir a indústria e criar as fontes de trabalho. Nem o governo lançar mão de dinheiro e contratar as pessoas para construir a ‘Nova Mamoré’. A grande fonte de recursos está no povo. Porque na medida em que se organiza a população para gerar seus próprios postos de trabalho, você está mudando a cabeça do povo, que passa a ter confiança em si mesmo. As massas têm que confiar nelas mesmas. Enquanto o povo não se organizar,

difícilmente sai do atoleiro. Mas um dia organiza, a fome o levará a fazer isso.

LULA, O OPERÁRIO QUE NÃO SABIA. *Para Clodomir Santos de Moraes, Lula ainda guarda resquícios dos tempos de sindicalista. “Lula não tem partido, tem povo”, diz ele.*

— Para ele [Lula] o partido não significa nada. O partido faz aquelas besteiras todas de ‘mensalão’ porque são caipiras. Dirceu ainda fala “*porrta*”, “*corrte*”. Lula começou lá embaixo com os sindicatos. Quem tem povo, tem êxito. Quem não tem, fica dizendo o abstrato, fica falando dos “invertebrados gasosos”, que é o caso do Alckmin, uma coisa que ninguém entende.

Na opinião de Clodomir, Lula não permitiu os inúmeros escândalos que se desenrolaram durante seu governo. “As coisas aconteceram, porque ele não tem as rédeas do PT. Quando ele dizia ‘eu não sabia’ era sincero, porque desconhecia. Os caipiras eram mais inteligentes que ele, mais rápidos.”

ELEIÇÕES. “A figura do Lula é a única que pode fazer com que o povo se organize, apesar de grande parte dos recursos do governo federal ser destinada a esse tipo de clientelismo que se fez via igrejas evangélicas ou o que seja”, avalia Clodomir.

Para o sociólogo, Lula é o único que “crê na massa”. “Dá pena de ver entrevistas do Alckmin, ninguém entende o que

ele diz”, conta.

Sobre Heloísa Helena, Moraes é taxativo: “Ela ainda não tomou o rumo do seu próprio discurso. O discurso dela ainda é aquela verborrêia panfletária. E o povo não entende panfleto com verborrêia. Tem que falar mais para o povo de necessidade. Hoje para ganhar a eleição, seja municipal, estadual ou federal, só se pode fazer com denúncias, não com ofertas, ‘vou fazer isso e aquilo’... O povo só acredita em coisas concretas.”

O QUE É ESTADO? *Para terminar, Clodomir lembra o que é o Estado:*

— O pessoal não entendeu ainda o que é o Estado. Rui Barbosa uma vez fez uma definição do Estado: “Estado é a família amplificada”. Pura besteira. Outra vez ele disse: “Estado é o povo politicamente organizado”. Outra besteira. O Estado não é nada mais, nada menos do que o mais eficiente instrumento de dominação de classe. Não é por acaso que todos lutam para ter o Estado na mão. Porque o tendo na mão, dominam todas as demais classes e os demais grupos.

II.OS CAMPONESES E SUAS LIGAS COMBATENTES

AND,A Nova Democracia, 1, marzo 2003

AND - Quando o senhor, no exterior, foi informado sobre a existência de algumas correntes do movimento camponês que se rearticulavam, e qual o papel o campesinato desempenha?

CM - Desde 1977 eu soube do assassinato do advogado Eugênio Lira, que havia encabeçado, juntamente com o jornalista Joaquim Lisboa Neto, a vitoriosa arregimentação de mais de três mil camponeses da Bacia do Rio Corrente, no Além-São Francisco do Oeste Baiano, afim de integrá-los aos recém-fundados Sindicatos Rurais de Santa Maria da Vitória, São Félix e Correntina.

Dois jornaisinhos mimeografados jogaram papel importante naquela região: O Posseiro, de Santa Maria, e A Foice, de Correntina.

Eu soube também da instalação em 1980, do CENTRU (Centro de Treinamento Rural) no Recife, dirigido pelo veterano militante das Ligas Camponesas, Manuel da Conceição, e a sua companheira Denise Leal. Em 1986, o CENTRU se estendeu ao Maranhão, exercendo uma poderosa influência política, não somente em Imperatriz, mas em todo o Centro-Oeste daquele Estado.

Neste mesmo 1986, quando trabalhava na Universidade de

Rostock, na Alemanha Democrática, fui informado da existência do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, MST, mediante um aviso de um dos seus dirigentes de que minha cartilha Elementos sobre a Teoria da Organização no Campo era o honroso Caderno de Formação nº 11 dos cursos para formação de seus quadros.

AND - Por que, ao aparecerem as Ligas Camponesas, caíram em desuso as classificações de movimentos messiânicos, fanáticos, organização de cangaceiros ou jagunços?

CM - Estes conceitos eram principalmente usados no meio acadêmico. O termo camponês era o rótulo que mais apavorava os latifundiários e seus aliados. Daí surgirem os eufemismos rurícolas, labrego, lavradores, trabalhadores agrícolas, etc. Hoje, o temor lhes surge quando escutam falar em sem-terra, sem-teto, invasores, senderistas, zapatista", etc.

AND - Qual a característica comum aos movimentos camponeses do passado e do presente, do ponto de vista ideológico, político e organizativo?

CM - O individualismo, o paternalismo, o espontaneísmo e outros vícios ideológicos de caráter idealista e oportunista, oriundos das formas artesanais de trabalho. Daí o modesto nível de organização dos movimentos camponeses nos moldes convencionais, razão pela qual a história universal não registra sequer uma revolução camponesa vitoriosa.

AND - Que reivindicações apresentavam as Ligas Camponesas e que relações estabeleciam com o movimento operário?

CM - As reivindicações dos camponeses eram fundamentalmente o acesso à terra, no que eram apoiados pelos grandes sindicatos de assalariados da cana de açúcar, entre os quais se destacavam: o do Município do Cabo Santo Agostinho, com cinco mil associados, arrebatado das mãos do vigarista Padre Melo pelo mestre-de-obras Ozias Ferreira (ex-dirigente militar das Ligas no Mato Grosso e em São Paulo) e professor de Economia Política dos primeiros Laboratórios Experimentais de Capacitação Massiva; o de Rio Formoso e Serinhaém, de seis mil integrantes, dirigido por Neném, líder de massas do sul de Pernambuco; o sindicato de assalariados da cana e usinas açucareiras de Goiana, com sete mil membros dirigidos por "Cabeleira" e o sindicato de assalariados de engenhos e usinas da região de Palmares, com 54 mil associados dirigidos por Zé Eduardo, etc., todos em Pernambuco; outros tantos em Guarabira, Sapé, Maranguape, Santa Rita e Rio Tinto na Paraíba, que seguiam as lideranças de Adauto Freire (Chefe Supremo do "Esquema Militar" das Ligas) de João Pedro e Elizabeth Teixeira, de Maria de Aquino, Luis Aureliano, Assis Lemos e outros.

AND - As Ligas chegaram a elaborar um programa para o conjunto das classes da sociedade brasileira que se colocavam objetivamente contra as classes e os setores mais reacionários, no Brasil, assim como contra o imperialismo?

CM - As Ligas Camponesas do Brasil (não confundir com as mil ligas camponesas na Venezuela e umas duzentas na Província de Corrientes, na Argentina) eram um aglomerado de organizações de massas, um tanto quanto desarticuladas. Elas reuniam ligas de camponeses, ligas de operários, ligas de estudantes, ligas de sargentos, ligas de pescadores, ligas

das amas de casas, ligas de moradores, etc., que se opunham à Direita e apresentavam uma clara posição antiimperialista. Levavam uma vantagem sobre os sindicatos, porque reuniam também a família de cada associado. Não é por acaso que as Ligas Camponesas tomaram a iniciativa pioneira de fundar, no Recife, em 1960, o Comitê Nacional de Apoio à Revolução Cubana, o que vale dizer, de repúdio ao imperialismo norte-americano.

O Partido Comunista Brasileiro não pôde fazê-lo, pelo fato de apoiar a candidatura do General Lott à presidência. Este, era um militar que (ao contrário do seu contrincante Jânio Quadros), antipatizava Fidel Castro e seus guerrilheiros que derrubaram o ditador, general Fulgêncio Batista.

AND - Que papel o PC cumpriu para a ascensão e declínio das Ligas (levando em consideração suas duas correntes)?

CM -As Ligas Camponesas viam claramente que o Golpe militar era iminente, desde os dias em que o povo tomou conhecimento das razões que levaram o Presidente Vargas ao suicídio, em 1954; as mesmas razões de Café Filho e Carlos Luz tentarem impedir a posse de Juscelino e Jango e, ainda mais claramente, quando, depois de derrubar Jânio Quadros, os militares resistiram em dar posse ao vice-presidente João Goulart. Somente os cegos e os oportunistas não vislumbravam, não anteviam o desfecho de 1º de Abril de 1964. O pior de tudo é que eles odiavam as organizações tidas como radicais (Ligas Camponesas e Grupo dos Onze de Leonel Brizola) que não alimentavam nenhuma ilusão à anacrônica acumulação de força pregada pelo PC.

Os comunistas que orientavam as Ligas Camponesas do

Brasil, ao constatar que o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, em 1961, já estava distribuindo 25 mil carabinas entre os latifundiários de vários Estados, decidiram montar vários campos de treinamento militar como medidas locais de autodefesa dos camponeses e defesa da ordem constitucional.

AND - Na época das Ligas o quadro de estatalidade era mais favorável?

CM - Ao contrário. As Ligas Camponesas de Julião, o Poder Público negava tudo. Às vezes a ULTAB (União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), braço rural do PCB, obtinha algumas migalhas de algumas entidades de serviços do Estado.

AND - Que variantes e estilo de administração podem seguir os camponeses nos seus projetos econômicos mais amplos?

CM - A administração de empresas autogestionárias, de tipo grande, de produção social de bens e de serviços, sem cercas internas a fim de poder usar racionalmente a maquinaria, o progresso técnico que o nível das forças produtivas exigir.

AND - Quais os principais erros (nos planos ideológicos, político e econômico) cometidos pelas Ligas Camponesas?

CM - O erro fundamental que gerou todos os demais equívocos, consistiu no retardamento da criação de uma estrutura política unitária e disciplinada, a exemplo dos partidos comunistas. Sua OP (Organização Política) só foi criada em 1964, três meses antes de serem proscritas pelo Golpe Militar de 1º de Abril.

AND - Quais os pontos de identificação entre os atuais movimentos camponeses e as Ligas?

CM - São pouquíssimos os pontos de identificação, as atuais condições objetivas e subjetivas serem muito diferentes às vigentes no tempo das Ligas de Julião. Há que levar em conta que os maiores inimigos das Ligas eram: a burguesia rural, o braço armado do Estado, além do Clero Romano, com sua inquisitorial Liga Eleitoral Católica, com direito a veto de registro de candidatos de esquerda aos parlamentos (federal, estaduais e municipais).

Além disso, Francisco Julião teve a coragem de enfrentar o arcebispo de Recife e Olinda Dom Antônio de Almeida Morais Júnior (verdadeiro "brucutu" de crucifixo ao pescoço) com uma ação judicial que o levaria ao banco dos réus se a Justiça da época não fosse tão carola.

AND - As variedades encontradas nas regiões do Brasil criam impedimentos para a unidade do movimento camponês?

CM - Todo movimento social em crescimento apresenta diversidade de enfoques táticos e estratégicos, mais ainda em um país como o Brasil, com dimensões continentais e multiplicidade (?) de culturas. Aquela diversidade de cultura gera, necessariamente, concepções contraditórias oriundas de atividades práticas diferentes, em condições históricas diferentes.

Como dialeticamente resulta impossível um dos contrários, ou seja, uma contradição, ser suprimida por outra, somente a prática (da interação dos contrários) leva à absorção de uma das contradições.

Da mesma forma em que todo e qualquer movimento da matéria resulta da unidade (interação) dos contrários, esta lei

da dialética rege também os organismos sociais, já que estes constituem formas superiores de organização da matéria.

mais, nada menos do que o mais eficiente instrumento de dominação de classe. Não é por acaso que todos lutam para ter o Estado na mão. Porque o tendo na mão, dominam todas as demais classes e os demais grupos.